



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS DE SOBRAL
CURSO DE PSICOLOGIA

RAIMUNDO NONATO LEONARDO BASTOS

**DA CENA TRAUMÁTICA AO COMPLEXO DE ÉDIPO:
UMA LEITURA FREUDIANA SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL**

SOBRAL

2019

RAIMUNDO NONATO LEONARDO BASTOS

**DA CENA TRAUMÁTICA AO COMPLEXO DE ÉDIPO:
UMA LEITURA FREUDIANA SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – Campus de Sobral, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Me. Paulo Alves Parente Júnior.

SOBRAL

2019

RAIMUNDO NONATO LEONARDO BASTOS

**DA CENA TRAUMÁTICA AO COMPLEXO DE ÉDIPO:
UMA LEITURA FREUDIANA SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – Campus de Sobral, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Paulo Alves Parente Júnior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Henrique Riedel Nunes
UNINTA – Sobral-CE

Profa. Ma. Gabriela Monteiro Simão
Faculdade Princesa do Oeste – Crateús-CE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B1c BASTOS, Raimundo Nonato Leonardo.
Da Cena Traumática ao Complexo de Édipo : Uma Leitura Freudiana sobre a Sexualidade Infantil /
Raimundo Nonato Leonardo BASTOS. – 2019.
46 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,
Curso de Psicologia, Sobral, 2019.
Orientação: Prof. Me. Paulo Alves Parente Júnior.
1. O Trauma: da Cena da Sedução à Teoria da Fantasia. 2. Freud e a Sexualidade Infantil. 3. O
Funcionamento do Complexo de Édipo em ambos os sexos . 4. O Complexo de Édipo e sua relação com o
Complexo de Castração. 5. O Édipo e a Análise - um ensaio pessoal. I. Título.

CDD 150

À minha avó Maria Perpétua Negreiros que
assim quis ser chamada.

À minha tia Fransquinha, Francisca Camelo
Cavalcante.

Pelo exemplo de fé, coragem e resistência.

Ambas em memória.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao ex Bispo Diocesano D. Odelir José Magri.

À família: Perpétua, Benedito, Alba, Emanoela...

Aos irmãos na fé em Massapê, Senador Sá e Santana.

Aos amigos de todas as horas: Sandro, Manoelito, Cecílio e Rejane, Giuvã e Dorinha, Margaridas, Nenzinha e Nairdes, Socorro e Zuila, Soledade e Nilson, Sílvia e Zuleica...

Aos irmãos, colegas de trabalho da SME de Massapê: Maria da Penha, Fátima Maria e Vanderlir Menescal...

Ao Mestre Odimar Feitosa e a tantos outros.

Aos governos Lula e Dilma pela expansão da universidade pública.

Aos orientadores Henrique Riedel e Paulo Parente.

À Profa. Gabriela Monteiro Simão, em especial, pela generosa colaboração.

Oh! Terrível coisa é a ciência, quando o saber se torna inútil! Eu bem assim pensava...

SÓFOCLES

RESUMO

Este texto objetiva apresentar, mediante uma rápida revisão bibliográfica principalmente em obras de S. Freud, um rápido percurso desde sua fase pré-psicanalítica, quando descobriu e sustentava a teoria da sedução traumática real até a formulação do complexo de Édipo, passando pelo tema da fantasia. O texto apresentará igualmente a formulação do conceito da sexualidade infantil que servirá de elo entre as duas partes citadas anteriormente. Finalmente, apresentará um comparativo entre a Tragédia de Sófocles, Édipo Rei com um percurso analítico, observando que aquele que está em análise é, tal qual Édipo, alguém que busca sua verdade pessoal. No primeiro capítulo será feito um voo panorâmico sobre três pontos teóricos desenvolvidos e ressignificados por Freud: a sedução através da cena traumática e a fantasia. Será visto como Freud entendia esses três conceitos, principalmente o da cena traumática como sendo algo dado no real, existente de fato e depois, quando já mais avançado em seu pensamento, se virá como Freud, não abandona, mas dá um novo significado a essas questões. Essas concepções vão desembocar na teoria da Sexualidade Infantil, segundo capítulo deste trabalho e em que será mostrado o modo como essa sexualidade está presente na criança que busca sim um modo de satisfação, mas não um prazer genital, mas uma satisfação prazerosa que acontecerá por meio das várias zonas erógenas de seu corpo, este momento será guiado especialmente por Freud e Monzani, isso representará, de fato, uma ruptura freudiana com o paradigma da sexualidade vigente em seu tempo entendida como prazer genital e em função da procriação. O terceiro capítulo abordará, em duas seções, outro grande conceito de Freud: o complexo de Édipo, seu funcionamento no menino e na menina enquanto desejo de possuir o falo e sua relação com o Conceito de Castração. Por fim, o quarto capítulo tratará da condição daquele que está em análise como o percurso feito por Édipo na busca pela verdade de sua origem e de seu destino. Este último capítulo será bem menos denso e seguirá o estilo ensaístico de texto, partindo especialmente da leitura da Tragédia de Sófocles, Édipo Rei, interpretada à luz de um possível percurso analítico e da apropriação da experiência clínica de vários mestres apresentada em sala de aula. Finalmente, na conclusão, será visto que o panorama foi mesmo pretensiosamente vasto, mas igualmente significativo, deixando clara a percepção de que o campo é amplo e que não há como esgotá-lo em um trabalho dessa dimensão. Contudo, o objetivo foi basicamente alcançado, mas o espaço permanece aberto para pesquisas futuras que acrescentarão muitas novidades ao que se apresenta aqui.

Palavras-chave: Psicologia. Psicanálise. Sexualidade Infantil. Complexo de Édipo.

RESUMEN

Este texto objetiva presentar, mediante una rápida revisión bibliográfica principalmente en obras de S. Freud, un rápido recorrido desde su fase pre-psicoanalítica, cuando descubrió y sostenía la teoría de la seducción traumática real hasta la formulación del complejo de Edipo, pasando por el tema de la "fantasía". El texto presentará también la formulación del concepto de la sexualidad infantil que servirá de eslabón entre las dos partes citadas anteriormente. Finalmente, presentará un comparativo entre la Tragedia de Sófocles, Edipo Rey con un recorrido analítico, observando que aquel que está en análisis es, tal cual Edipo, alguien que busca su verdad personal. En el primer capítulo se hará un vuelo panorámico sobre tres puntos teóricos desarrollados y resignificados por Freud: la seducción a través de la escena traumática y la fantasía. Se verá como Freud entendía estos tres conceptos, principalmente el de la escena traumática como algo dado en lo real, de hecho y después, cuando ya más avanzado en su pensamiento, si vendrá como Freud, no abandona, pero da un nuevo significado a esas cuestiones. Estas concepciones van a desembocar en la teoría de la sexualidad infantil, segundo capítulo de este trabajo y en que se mostrará el modo en que esta sexualidad está presente en el niño que busca sí un modo de satisfacción, pero no un placer genital, sino una satisfacción placentera que sucederá por medio de las varias zonas erógenas de su cuerpo, este momento será guiado especialmente por Freud y Monzani, esto representará, de hecho, una ruptura freudiana con el paradigma de la sexualidad vigente en su tiempo entendida como placer genital y en función de la procreación. El tercer capítulo abordará, en dos secciones, otro gran concepto de Freud: el Complejo de Edipo, su funcionamiento en el niño y en la niña mientras deseo de poseer el falo y su relación con el Concepto de Castración que será responsable de la disolución del Edipo. Por último, el cuarto capítulo tratará de la condición de aquel que está en análisis como el recorrido hecho por Edipo en la búsqueda de la verdad de su origen y de su destino. Este último capítulo será mucho menos denso y seguirá el estilo ensayístico de texto, partiendo especialmente de la lectura de la Tragedia de Sófocles, Edipo Rey, interpretada a la luz de un posible recorrido analítico y de la apropiación de la experiencia clínica de varios maestros presentada en el aula. Finalmente, en la conclusión, se verá que el panorama fue incluso pretensamente vasto, pero igualmente significativo, dejando clara la percepción de que el campo es bastante amplio y que no hay como agotarlo en un trabajo de esa dimensión. Sin embargo, el objetivo fue básicamente alcanzado, pero el espacio permanece abierto para investigaciones futuras que añadirán muchas novedades a lo que se presenta aquí.

Palabras clave: Psicología. Psicoanálisis. Sexualidad Infantil. Complejo de Edipo.

LISTA DE ABREVIATURAS

UFC	Universidade Federal do Ceará
SME	Secretaria Municipal de Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	O TRAUMA: DA CENA DA SEDUÇÃO À TEORIA DA FANTASIA.....	13
3	FREUD E A SEXUALIDADE INFANTIL.....	20
4	O FUNCIONAMENTO DO COMPLEXO DE ÉDIPO EM AMBOS OS SEXOS.....	28
4.1	O complexo de Édipo e sua relação com o complexo de Castração.....	29
5	O ÉDIPO E A ANÁLISE – um ensaio pessoal.....	34
6	CONCLUSÃO.....	44
	REFERÊNCIAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

É possível afirmar que a vida cria em nós vários tipos de hábitos e no nosso caso a primeira forma de psicologia conhecida foi, de maneira muito simples, mas não menos vislumbrante, a Psicanálise do velho Freud. Conhecer, em aulas do antigo Segundo Grau, o conceito de frustração e de sexualidade e ouvir o nome de Sigmund Freud com a Professora Rosana Teófilo em Taperuaba e com o Padre Alcântara em Fortaleza, podemos dizer: foi um momento já de decisão. Essas ocasiões ínfimas, mas ricas e instigantes, nos marcaram de modo tão profundo que a psicologia ficou cravada em nosso inconsciente como um sonho ou desejo a ser realizado.

Em 2012, cerca de vinte anos depois, já aluno do Curso de Psicologia da UFC – Sobral, realizando o antigo sonho, essas questões voltaram com maior intensidade e aquelas reminiscências se fizeram presentes nas aulas proferidas pelo então Prof. Odimar Feitosa que nos apresentava Freud (apaixonadamente, diga-se de passagem) como uma espécie de ídolo no panteão da Psicologia e seus conceitos, sua humildade e seu rigor científico que essas coisas tematizadas naquelas ocasiões acabaram por nos encantar e suscitar o desejo de conhecer melhor o seu desenvolvimento no interior da Psicanálise.

E assim nasceu ou se forjou em nós o interesse por conhecer mais de perto questões tão profundas que permeiam nossa alma e que “determinam” ou orientam nossa história para toda a vida: as questões próprias da sexualidade, o complexo de Édipo. E à medida que íamos perseguindo esses conceitos, descobríamos a interligação deles com outros de grande valor: inconsciente, fantasia, sedução, trauma. Desse modo, nasce essa proposta de texto que ora é apresentada, certos de que poderá, no futuro, ser aprofundada.

O primeiro grande conceito psicanalítico desenvolvido por Freud (1856-1939) foi o de Inconsciente. Ele inicia seu pensamento teórico assumindo que não há nenhuma descontinuidade na vida mental. Nosso autor afirma que nada ocorre por acaso e, muito menos, os processos mentais.

Há uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, sentimento ou ação. Cada evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam (determinismo psíquico). Uma vez que alguns eventos mentais "pareceram" ocorrer espontaneamente, Freud começou a procurar e descrever os elos ocultos que ligavam um evento consciente a outro.

Quando um pensamento ou sentimento parece não estar relacionado aos pensamentos e sentimentos que o precederam, é necessário ir além, busca-las e descobrir que

tais conexões estão no inconsciente. Uma vez que estes elos inconscientes são descobertos, a aparente descontinuidade está resolvida. O consciente é apenas a ponta do iceberg.

Em suas investigações na prática clínica sobre as causas e funcionamento das neuroses, Freud descobriu que a grande maioria de pensamentos e desejos recalçados referia-se a conflitos de ordem sexual, localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos, isto é, na vida infantil estavam as experiências de caráter traumático, e que estavam para além da barreira do recalque, que se configuravam como origem dos sintomas atuais e, confirmava-se, desta forma, que as ocorrências, fatos e acontecimentos deste período de vida, a infância, deixam marcas profundas no processo de constituição da subjetividade de cada um.

Essas descobertas colocam a sexualidade no centro da vida psíquica e por causa delas é desenvolvido outro conceito igualmente caro e importante para a teoria psicanalítica: a sexualidade infantil. Estas afirmações tiveram profundas repercussões na sociedade puritana da época pela concepção vigente de infância "inocente".

Agora vejamos como se dá o processo dessa descoberta feita por Freud. Seguiremos de maneira bastante panorâmica, mas não menos significativa, o perfilar desse processo que se iniciará com a descoberta da teoria da sedução, depois passará pelo retorno ao determinismo biológico, em seguida passaremos pelo conceito de fantasia para deslanchar na sexualidade infantil e no complexo de Édipo.

2. O TRAUMA: DA CENA DA SEDUÇÃO À TEORIA DA FANTASIA

A hipótese da sedução infantil, isto é, do trauma sexual na forma de uma sedução acontecida nos anos iniciais da infância, a possibilidade ou a concepção de que todo doente neurótico havia sofrido algum tipo de abuso sexual, foi considerada por Freud a primeira causa etiológica para os casos de neuroses.

Ele acreditava mesmo que os sintomas neuróticos se originavam de uma experiência traumática sexual ocorrida no real como assevera: “cada vez mais me parece que o ponto essencial da histeria é que ela resulta de *perversão* por parte do sedutor, e *mais e mais* me parece que a hereditariedade é a sedução pelo pai”. (FREUD, 1896/2016, p. 125).

Freud se deparou com muitos casos que o haviam convencido da realidade desse trauma de infância em que algum adulto teria seduzido e estimulado a criança sexualmente, enquanto esta vivera essa experiência de maneira submissa e passiva, sem ter a compreensão do que se passava.

Ainda na sua fase pré-psicanalítica, durante a década de 1880, Freud chega a levantar a hipótese de que a histeria e as neuroses em geral têm íntima relação com causas da ordem sexual. Ele afirma: “tem-se de admitir que as condições *funcionalmente* relacionadas à vida sexual desempenham importante papel na etiologia da histeria (assim como na de todas as neuroses), e isto se dá em virtude da elevada significação psíquica dessa função, especialmente no sexo feminino” (FREUD, 1888/1976, p. 36).

Entre 1887 e 1902, Freud manteve com Fliess uma rica correspondência na qual lhe comunicava todas as suas conclusões quanto aos estudos que estava desenvolvendo. Além de muitas cartas, há também alguns rascunhos em que ele esboçava apenas pontos ou ideias. No *Rascunho A*, quando Freud começa a levantar hipóteses para a etiologia das neuroses de angústia, ele chega a afirmar que entre as causas de tais neuroses estão os “traumas sexuais anteriores ao início da idade da compreensão” (FREUD, 1954, p. 105). Ou seja, ainda na fase pré-psicanalítica ele já admite que casos de adoecimentos psíquicos podem ser causados pela reminiscência de memórias relacionadas à experiências sexuais infantis de caráter traumático, operadas por vários atores, geralmente adultos, incluindo o pai.

Em sua visão, a maioria dos sedutores eram pessoas que ocupavam funções ou tarefas domiciliares: como serviçais, governantas e tutores (todos que ocupavam serviços na família) e irmãos mais velhos (para ele outrora vítimas de uma sedução anterior), por possíveis primos e até mesmo por adultos de fora do círculo familiar. Como podemos ver na sua conferência *Sobre a Sexualidade Feminina* quando fala dessa situação em relação às meninas:

A influência da higiene corporal no seu despertar se reflete na fantasia frequente em que a mãe, ama-seca ou babá é a sedutora [...]. Também a sedução real é frequente, por parte de outras crianças ou de pessoas que dela cuidam, que buscam sossegá-la, fazê-la adormecer ou torná-la dependente de si. Quando há a sedução, ela normalmente perturba o curso normal do desenvolvimento; muitas vezes deixa consequências profundas e duradouras (FREUD, 1931/2016, p. 209-210)

É bom levar em consideração que aqui já estamos em 1931, Freud já havia dado um passo para muito além da concepção da sedução traumática real, contudo, ele continua admitindo sua possibilidade para além da elaboração fantasiosa.

Mas antes de se tornar objeto de uma hipótese teórica, a sedução foi uma descoberta clínica: os pacientes de Freud, com a ajuda do tratamento analítico, regularmente conseguiam recordar experiências de sedução sexual em que a iniciativa era de outro, geralmente um adulto, que obrigou o sujeito a sofrer passivamente e de maneira assustadora ou amedrontadora desde simples abordagens verbais ou gestuais até atos sexuais mais ou

menos acentuados. Em vários casos, Freud conseguiu que seus pacientes lhe contassem algumas lembranças que pareciam afastadas e que fortaleciam a confirmação dessa sua hipótese.

Freud havia encontrado a presença dos incidentes supramencionados em todos os casos de neurose que até então havia tratado. E ele mesmo se inclinava a pensar assim, prova disso é um caso de um rapaz de vinte cinco anos que ele atendeu e que apresentava rigidez no andar, esse fato ele o relata a Fliess na *Carta 97*, lá podemos ver a seguinte afirmação:

Ora, uma criança que urinou regularmente na cama até os sete anos de idade (sem ser epilética ou algo parecido) deve ter tido experiências sexuais no início da infância. Espontâneas, ou por sedução? Esta é a situação que deve encerrar também os fatores causais mais precisos - relativos a suas pernas (FREUD, 1896/2016, p. 166).

O fator etiológico e patogênico que se apresentava cada vez mais patente a seus olhos levava em consideração ou incluía a idade em que o evento traumático tinha acontecido, ou seja, uma idade por demais precoce na vida dos doentes: antes que o sujeito tivesse conhecimento e noção da sexualidade e igualmente antes de ter a capacidade de elaborar o evento pela via da linguagem ou da palavra.

Sobre estes dois fatores: a imaturidade sexual e a incompleta capacidade de elaboração verbal se baseia a conclusão de Freud de que, ao contrário de outras experiências traumáticas, a estimulação sexual precoce não deve normalmente ter quaisquer repercussões psicopatológicas no sistema nervoso, se não fosse pelo sentimento traumático acontecido no momento de sua ocorrência.

O efeito patogênico de tais experiências seria sentido ou percebido apenas muito mais tarde, na adolescência ou na idade adulta. Monzani apresenta o pensamento de Freud da seguinte maneira:

Quando se investiga a gênese dos sintomas histéricos sempre se chega a uma *cena de sedução* [...]. Essa sedução, no entanto, não é compreendida pelo sujeito infantil porque ele não tem acesso à sexualidade. Nessa época Freud pensa, como seus contemporâneos, que a sexualidade irrompe na puberdade [...] É exatamente na época da irrupção da sexualidade na pubescência que, através de um evento fortuito, a primeira cena é evocada pelo sujeito e agora compreendida. É o efeito retroativo da significação. Apanhado de surpresa, o “ego” não encontra, em geral, outro caminho senão a defesa patológica que provocará o aparecimento do sintoma histérico, por exemplo (MONZANI, 1989, p. 39).

À medida que progredia na observação clínica, Freud também descobriu que as cenas de sedução são, às vezes, produto de reconstruções fantasiosas que refletem muito mais os desejos da criança do que as intenções do adulto, ele acabou descobrindo que as cenas de

sedução contadas por seus pacientes podem ser o produto de reelaborações fantasiosas ou o resultado de fantasias inconscientes. Ele mesmo afirma na conferência sobre *Os caminhos da formação dos sintomas*:

Com a fantasia da sedução, quando ela não ocorreu, a criança em geral oculta o período autoerótico de sua atividade sexual. Ela se poupa, da vergonha pela masturbação, recuando para uma época anterior a fantasia com o objeto desejado [...] A impressão que se tem é de que tais acontecimentos infantis são, de alguma maneira, necessários, de que são integrantes essenciais da neurose. Quando se acham na realidade, muito bem; quando a realidade não os fornece, são produzidos a partir de sugestões e complementados pela fantasia (FREUD, 1917/2014, p. 492).

Esta descoberta revelou uma realidade psíquica muito mais complexa e densa do que anteriormente havia sido imaginado ou pensado por Freud. Isso fez com que ele ficasse muito mais cauteloso e desconfiado das histórias de seus pacientes, e começou a se questionar quanto à veracidade real de todas as cenas de sedução.

Sua "teoria da sedução" começou a entrar em certa decadência quanto à condição de uma sedução traumática real, isto é, sua tese começou a vacilar e o obrigou a procurar outro caminho para dar conta da causa das neuroses, embora não pudesse abrir mão completamente daquela primeira ideia, visto que era apresentada por todos os seus pacientes como uma cena primitiva e causadora do adoecimento.

Freud tinha então que encontrar uma solução adequada para equacionar essa questão que se colocava diante de seus olhos: não era plausível que todas as pessoas tivessem passado por um trauma sexual real na infância, mas, ao mesmo tempo, seus pacientes traziam à tona essa "realidade", que fazer? Ele agora está numa espécie de beco sem saída.

As dificuldades em conseguir uma prova cabal quanto à sedução, junto com outras de natureza pessoal ligadas à figura paterna, documentadas em sua correspondência com W. Fliess, contribuíram para induzir Freud a questionar sua ideia da sedução infantil no surgimento das neuroses, até finalmente rechaçá-la no ano de 1897. Como podemos ver em Monzani:

Setembro de 1897 pode ser considerada uma data capital na história da Psicanálise. Em um texto relativamente curto, a famosa Carta 69 endereçada a Fliess, Freud enumera um conjunto de razões [...] para justificar o abandono dos alicerces de sua teoria das neuroses. "Já não creio mais na minha *neurótica* (teoria das neuroses)", confia Freud, e, embaraçado, confessa que já não sabe mais a que se ater e manifesta a esperança de que esse episódio represente para ele "um progresso em direção a novos conhecimentos" (MONZANI, 1989, p. 27).

Quanto às conclusões a que Freud chegou e que se encontram expressas nessa mesma *Carta 69*, Monzani as sintetiza magistralmente postulando-as da seguinte forma:

Há, de fato, duas ordens de explicação que Freud fornece: 1) *probabilistas/fatuais* – a) os fracassos da análise e b) a extrema improbabilidade da universal perversão adulta; 2) *teóricas* – a) no inconsciente não há como distinguir o real da fantasia e b) as vivências infantis são inacessíveis. Esses argumentos, nessa época, fazem, sem dúvida, com que Freud afaste a teoria da sedução como ponto central da explicação. [...] Objetivamente: se não houve abandono, os papéis foram totalmente invertidos. O que era primeiro na ordem da explicação passa a ser último (MONZANI, 1989, p. 41).

Isto é, Freud não chega a abandonar definitivamente a teoria da sedução, mas a minimiza, retira-lhe todo aquele peso que até então vinha lhe atribuindo. Ele admite mesmo que ela não tem mais aquele papel de primeira linha na explicação das etiologias das neuroses.

A partir desse momento, sem poder avançar muito em seu arcabouço teórico, Freud acaba por readmitir o *status quo* de antes, isto é, de que o modo como a sexualidade humana se apresenta acaba carregando consigo uma espécie de hereditariedade ou o que se pode chamar de determinismo biológico.

Percebamos que nosso autor acaba por retroagir ao início de seus trabalhos, à velha concepção elaborada pela psiquiatria e pela biologia de seu tempo: a de que não havia uma sexualidade infantil e que a sexualidade só aflorava mesmo na puberdade para se colocar a serviço da procriação ou perpetuação da espécie. Monzani (1989, p. 44) expõe essa situação da seguinte forma: “deixar de ver a sedução como teoria explicativa não significou outra coisa para Freud do que, num certo sentido, voltar ao velho determinismo orgânico da psiquiatria clássica”.

Essa retroação acontece porque Freud não encontra meios suficientes para solucionar o problema da cena traumática que todo paciente evoca por ocasião de seu tratamento e ele acaba por admitir a possibilidade da determinação filogenética da espécie humana. Em *Os Caminhos da formação dos sintomas*, ainda em 1917, Freud levanta essa teoria quando diz:

A constituição sexual hereditária nos oferece uma grande variedade de predisposições, de acordo com a força particular desse ou daquele instinto parcial, por si só ou em associação com outros instintos parciais. Juntamente com o fator das vivências infantis, a constituição sexual forma uma “série complementar” muito semelhante àquela que vimos anteriormente [...] É natural, pois levantar a seguinte questão: será que as regressões mais evidentes da libido, aquelas a estágios anteriores da organização sexual, não são condicionados preponderantemente pelo fator hereditário constitucional? (FREUD, 1917/2014, p. 481).

Levemos em justa consideração que nosso autor se refere, por duas vezes, nesse breve texto à condição hereditária da sexualidade; uma vez referindo-se à *constituição*

hereditária, logo no início, e, no final do trecho, ao *fator hereditário*. Isso nos atesta que durante um bom tempo Freud esteve ainda ancorado na concepção determinista da sexualidade humana.

Mais uma vez convém fazer a ressalva de que ele está entre duas posições. Uma encontrada na sua prática e experiência clínicas: a da cena da sedução traumática a qual ele não pode abandonar completamente porque cada paciente lhe traz esse dado, mas que não é passível de verificação na realidade concreta, e a outra posição é essa retomada do determinismo psíquico ou biológico, da hereditariedade da sexualidade humana.

Segundo Monzani, houve uma inversão na causação da *neurótica* freudiana afirmando que a teoria da sedução deveria ser preterida em favor da hereditariedade. O autor cita Freud dizendo que:

Tendo as influências acidentais derivadas da experiência sido assim relegadas para o último plano, os fatores de constituição e hereditariedade voltaram a predominar; mas, entre os meus pontos de vista e os que prevaleciam noutras áreas, havia a diferença de que, em minha teoria, a ‘constituição sexual’ tomava o lugar de uma ‘disposição neurótica geral’. Em meu trabalho recentemente publicado – Três ensaios sobre a teoria da sexualidade – procurei traçar a natureza variegada dessa constituição sexual, bem como do caráter composto da pulsão sexual em geral e sua derivação de fontes contribuintes provindas de diferentes partes do organismo (FREUD apud MONZANI, 1989, p. 44-45).

Assim é possível observar o real declínio da teoria da sedução que já se tinha tornado insustentável pelas razões que já foram antes apresentadas. Freud está novamente estabelecido sobre as antigas bases do determinismo biológico.

Continuando a acompanhar o pensamento de Monzani, tomaremos ciência de que essa possibilidade das causas endógenas do determinismo organicista haverá de permanecer por um longo tempo rondando o pensamento freudiano. Contudo, da mesma forma, haveremos de entender que a ideia *de fantasia* passa a ocupar um lugar mais capital na teoria psicanalítica. Ele aventa essa questão colocando-a nos seguintes termos: “A fantasia (entendida como expressão do *desejo* de ser seduzido) nessa época ocupa o lugar preponderante como fator explicativo” (MONZANI, 1989, p. 46-47).

Essa época a que o autor faz referência é o período em que Freud está às voltas com o determinismo biológico, mas que nesse mesmo período começa a surgir uma espécie de equacionamento ou conciliação entre o conceito de sedução entendido como fantasia ou o desejo de ser seduzido como uma fantasia elaborada inconscientemente pelo sujeito a partir de uma cena primitiva, uma cena originária que será entendida como causadora de um trauma. Quanto a isso Freud propõe três grandes fantasias primordiais:

Entre os acontecimentos que surgem na história infantil dos neuróticos e que parecem nunca faltar, alguns têm importância especial, e por isso julgo merecedores de destaque em relação aos demais. Enumero-os como exemplos modeladores do gênero: a observação dos pais durante o ato sexual, a sedução por parte de um adulto e a ameaça de castração (FREUD, 1917/2014, p. 490).

Sendo assim, entendemos que a teoria de Freud passa não obrigatoriamente por um abandono de conceitos, mas precisamente por uma ressignificação. Nenhuma das três situações ou conceituações será desprezada por ele: a cena traumática, a sedução e a fantasia, porém, irão adquirir uma nova conotação e um equacionamento justo.

O processo dá-se da seguinte maneira: o que antes era tido como uma sedução real, invasiva e traumática praticada violentamente por um adulto, torna-se um desejo que tem fonte na realidade, em qualquer evento que seja percebido pelo sujeito como da ordem do sexual. Por exemplo: o ato da assepsia que a mãe realiza na menina produz uma sensação prazerosa ou desconfortante e isso será depois ressignificado como algo da ordem da sedução, chegando mesmo a ser um evento traumático. Assim, essa cena primordial que tem fundamento no real passa por um processo de elaboração fantasiosa inconsciente e se torna uma realidade no psiquismo do indivíduo.

À luz dessa nova formulação das fantasias autoplásticas ou autoplasmadas de sedução produzidas pelos pacientes, Freud começou a modificar sua primeira teoria da sedução e afirmou que o evento da cena primordial que tem fundamento na realidade não precisa ser necessariamente traumatizante, mas sim a elaboração fantasiosa dada pelo paciente a uma primeira experiência em si mesma, por menor que tenha sido e que poderia não ser tão traumática realmente.

Essa virada do pensamento freudiano abriu o caminho para a ideia de que eventos externos carregam sobre si a eficácia das fantasias derivadas deles e do influxo de excitação motriz que provocam, e contribuíram para a crescente acentuação, na teoria psicanalítica, dos conceitos de fantasia inconsciente, realidade psíquica e sexualidade infantil espontânea.

No entanto, apesar de sua posição científica oficial, Freud sempre reconheceu a importância etiológica da sedução e ele nunca deixou de apoiar a existência e frequência de traumas sexuais realmente vividos por crianças, mas não lhes concedeu um valor etiológico e patogênico central, o que por sua vez foi transferido para a ação de fantasia inconsciente.

No ano de 1897, no qual Freud abandona a teoria da sedução real, ele também falou da hostilidade das crianças, destinadas a tornarem-se neuróticas, em relação aos pais do mesmo sexo. Esta nota em suas correspondências com Fliess, veremos mais adiante,

representa uma referência muito antiga ao complexo de Édipo e, portanto, aos desejos inconscientes agressivos/sexuais presentes na relação entre pais e filhos.

Por este tempo, Freud apoiava simultaneamente ambas as teorias, a da sedução sexual infantil e a pulsão dual ou pulsões mais conhecidas como teoria edipiana, sem que as duas possibilidades parecessem entrar em conflito, embora ele mesmo não conseguisse um perfeito encaixe entre os dois conceitos ou as duas teorias.

Postas essas questões iniciais e capitais para o pensamento freudiano, podemos dar mais um passo no sentido de buscar mostrar o modo como se apresenta essa sexualidade fantasiosamente traumática que o autor propõe existir desde os primeiros momentos da vida dos seres humanos. Sigamos para o segundo capítulo no qual veremos isso mais amplamente.

3. FREUD E A SEXUALIDADE INFANTIL

Neste capítulo estaremos seguindo mais de perto duas obras de S. Freud que deixam entrever sua concepção acerca da existência de uma sexualidade na infância. Essas duas obras estão distantes uma da outra em um arco de cinco anos e trazem aspectos muito semelhantes. Na ordem cronológica, a primeira são os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD,1905/2016) cuja edição mais antiga é datada de 1905 (depois Freud a editará novamente com alguns acréscimos) e a outra são as *Cinco conferências sobre a Psicanálise* (FREUD,1910/2013) com data de 1910.

A “descoberta”, que equivale mais a uma revelação ou a uma forma de admitir o que os mais moralistas fingiam não ver, de uma sexualidade na infância logrou para Freud certo menosprezo da classe médica e de outros setores da sociedade vitoriana de sua época.

Diante da forte repressão da sexualidade vivida pelas pessoas por volta dos fins do século XIX e inícios do século XX, era impossível pensar e admitir a existência e a vivência de uma sexualidade nas crianças, pois eram tidas como seres puramente inocentes, incapazes de quaisquer sentimentos desse tipo e de terem uma inclinação natural à sexualidade.

Na concepção popular do “instinto” sexual – enfaticamente, Freud substituirá esse termo por *pulsão*, está ausente na infância e desperta somente no período da vida que designamos como puberdade, já que esse fato não se relaciona muito na infância, e chama maior atenção na adolescência que é a idade das descobertas sexuais. Isso não é um erro qualquer, mas de grandes consequências, pois principalmente a ele devemos nosso atual conhecimento das condições fundamentais da vida sexual (FREUD,1905/2016).

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016) diz que a maioria dos autores tem se preocupado num estudo minucioso acerca da pré-história da humanidade, mas que para ele seria muito mais produtivo um estudo sobre a pré-história de cada indivíduo. Esse estudo seria suficiente para dar indicações claras de muitas coisas que a pessoa experimenta depois numa idade mais avançada, inclusive e especialmente de algum tipo de doença dos nervos, as neuroses.

Quanto à sexualidade infantil, Freud atribui isso a um tipo de vistas grossas ou a “certo tampar o sol com a peneira”, pois diversos estudiosos e pessoas adultas em geral já haviam observado fortes indícios de uma possível existência de atividade sexual entre as crianças. Freud procura expor essa realidade da seguinte maneira:

É certo que encontramos, na literatura sobre o tema, notícias ocasionais sobre atividade sexual precoce em crianças pequenas, sobre ereções, masturbações e até mesmo condutas análogas ao coito, mas sempre são apresentadas como eventos excepcionais, curiosidades ou exemplos assustadores de depravação precipitada. Ao que eu saiba, nenhum autor percebeu claramente a regularidade de um instinto sexual na infância, e nos trabalhos – agora numerosos – sobre o desenvolvimento da criança é geralmente omitido o capítulo “Desenvolvimento sexual” (FREUD, 1920/2016, p. 73-74).

Todavia, fundamentado em suas pesquisas clínicas, S. Freud, descobre que na base de quase todos os casos de neurose que acompanhava, estavam elementos eróticos guardados no mais profundo do inconsciente das pessoas, como ele mesmo diz: “tive de abraçá-lo (a opinião de que a pulsão sexual está na base das neuroses) quando minhas experiências se multiplicaram e penetrei mais profundamente na questão” (FREUD, 1910/2013, p. 264).

Além disso, esse material provinha, na grande maioria das vezes, da mais remota infância, não era coisa que se dava apenas durante ou depois da puberdade, como julgava o senso comum, quando a sexualidade se coloca a serviço da procriação da espécie e da aquisição de prazer genital.

Diante disso, S. Freud afirma categoricamente:

Apenas as vivências da infância explicam a suscetibilidade a traumas posteriores, e apenas desvelando e tornando conscientes esses traços mnemônicos quase invariavelmente esquecidos é que adquirimos o poder para eliminar os sintomas. Chegamos aqui ao mesmo resultado que na investigação dos sonhos, isto é, que são os desejos imorredouros e reprimidos da infância que emprestam à formação dos sintomas a sua força, sem a qual a reação aos traumas posteriores tomaria seu curso normal. Mas podemos, de maneira bastante geral, designar como sexuais esses poderosos desejos infantis (FREUD, 1910/2013, p. 266).

Com essa assertiva de Freud, certamente, como era costumeiro, muitos de seus expectadores ficaram perplexos, pois o comum era pensar que a fase da infância fosse um tempo marcado pela completa ausência de uma energia sexual, sendo então forçados, ou não, a admitir uma “sexualidade infantil”. Freud continua argumentando:

Não, meus senhores, certamente não ocorre que o instinto sexual penetre nas crianças no momento da puberdade, tal como o demônio entra nos porcos numa passagem do Evangelho. A criança tem seus instintos e atividades sexuais desde o início, vem com eles ao mundo, e deles procede, mediante um desenvolvimento significativo e pleno de etapas, aquilo que se chama a sexualidade normal do adulto (FREUD, 1910/2013, p. 266).

Depois dessas primeiras afirmações chocantes acerca da sexualidade infantil, Freud cita alguns trabalhos de outros profissionais, tanto da América quanto da Europa (S. BELL e C. G. JUNG), mostrando também a comprovação da existência de um tipo de sexualidade na infância o que ajudará na aceitação e compreensão de tal ideia por parte de seus ouvintes.

Mesmo assim, Freud preocupa-se em esclarecer as razões porque a maioria dos homens, médicos e pesquisadores, não se interessa pela sexualidade infantil. Segundo ele, há sobre as pessoas um enorme peso tanto da educação quanto da civilização que as impede de trazer à memória e à consciência o que há muito já estava recalcado, no caso, as experiências sexuais vividas na infância. Esse recalçamento se deu por um mecanismo ou de educação ou de nojo ou por conta da moral que é introjetada na pessoa na medida em que vai crescendo.

O primeiro ponto importante é distinguir o termo sexual daquilo que se entende no senso comum como relativo a sexo, ou seja, restrito à cópula. Em Psicanálise o termo se amplia: a sexualidade é concebida como algo instituído sobre o primado das mesmas leis que regem o circuito da linguagem.

Freud nos dá mostras dessa articulação ao lançar seu olhar sobre a sexualidade infantil, buscando distinguir o que constitui o campo biológico e psíquico no que concerne à sexualidade, desvinculando-a de um fator meramente desenvolvimentista e admitindo sua influência decisiva para a formação dos sintomas. Vale ressaltar que também não se trata de uma equivalência entre sexual e genital, como bem demarca Kupfer, ao afirmar que no pensamento freudiano esses dois termos não se confundem:

A sexualidade genital diz respeito à cópula com o objetivo de procriar ou de obter prazer orgástico. Mas a sexualidade é mais ampla que a sexualidade genital. Inclui as preliminares do ato sexual, as perversões, as experiências sensuais da criança vividas em relação ao seu próprio corpo ou em contato com o corpo da mãe (KUPFER, 2007, p. 39).

Essas investigações infantis fazem parte do desenvolvimento normal, e se iniciam muito antes do que se imagina, ou seja, já nas primeiras relações da criança com o adulto, mormente a mãe, como bem alerta Kupfer:

A amamentação, nesse sentido, é entendida já como uma experiência sexual, geradora de prazer para a criança que suga e até mesmo para a mãe que amamenta. Não se veja aí qualquer sinal de perversão no sentido usual do termo, e sim um exercício prazeroso que o contato corporal proporciona (KUPFER, 2007, p. 39).

Freud (1905/2016) descreve o que considera como “manifestações da sexualidade infantil”, situando sua origem no prazer extraído pelo lactente no chuchar, que aos poucos vai se ampliando na busca por outros objetos de satisfação.

Freud (1905/2016) ressalta que mais importante que a parte do corpo é a qualidade do estímulo vivenciada. Estabelece assim a série que liga a boca ou zona labial com a alimentação; a zona anal com os distúrbios intestinais presentes na infância, marcados por eventos como a retenção das fezes, por exemplo; e, a zona genital, cuja fonte de prazer é desencadeada pela fricção manual ou pressão, ocorrida a princípio de maneira não intencional, mas que posteriormente pode se tornar objeto de constante exploração a partir da masturbação infantil.

As experiências vividas pela criança em cada um desses momentos podem ser agrupadas naquilo que Freud (1905/2016) denomina como organizações pré-genitais, ou seja, característico de algo que ainda não é genital, delimitando o que se conhece também como fases do desenvolvimento libidinal infantil ou ainda fases do desenvolvimento psicosssexual, que abarcam a fase oral, anal e fálica, trazendo algumas características particulares que podem ser vistas não só no tipo de relação que a criança estabelece com o próprio corpo e no modo como obtém prazer com ele, mas, sobretudo no tipo de relação que estabelece com o outro.

É realmente fato estranho pensar numa sexualidade nas crianças, se nos ativer aos elementos e ao conceito sexual comum naquela época e ainda vigente nos dias de hoje, visto que a grande maioria das pessoas, ao falar em sexualidade e em sexo, pensa de imediato numa relação própria entre um homem e uma mulher ou entre pessoas que estejam na fase da puberdade adiante independente de sua opção sexual. Ademais não é pensável, por exemplo, um casal de crianças viverem um relacionamento a dois, como os adultos o fazem.

É neste campo que Freud procura deixar bem claras as coisas, pois para ele o conceito de sexualidade é bem mais abrangente do que o da relação genital que se põe a serviço da procriação além da satisfação prazerosa. A íntima relação que Freud encontra entre

a sexualidade infantil e as perversões permite-lhe contrapor o seu conceito de sexualidade ao conceito até então vigente em sua época.

Seu conceito vem a ser uma noção bem mais ampliada que supera as barreiras da identidade de gêneros, da sexualidade genital e da procriação para levar em conta outra série de fatos e fenômenos, que realmente não eram desconhecidos nem desconsiderados como de caráter sexual pelos intelectuais e que acompanham a criança desde os primeiros tempos de sua vida como ele mesmo diz:

Parece fora de dúvidas que o recém-nascido traz consigo germens de impulsos sexuais, que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sucumbem a uma progressiva supressão, que pode ser ela mesma interrompida por verdadeiros acessos de desenvolvimento sexual e também detida por peculiaridades individuais. Nada de certo é sabido sobre a regularidade e a periodicidade desse curso de desenvolvimento oscilante. Parece, no entanto, que geralmente a vida sexual das crianças se manifesta de forma observável por volta dos três ou quatro anos (FREUD, 1920/2016, p.78-79).

Diante dessa tão importante descoberta que não era levada em conta, nem era tida como objeto de atenção e nem de estudos por parte dos pesquisadores de seu tempo por questões culturais e educacionais, como já dissemos anteriormente. S. Freud afirma:

O instinto sexual da criança se revela bastante complexo, pode ser decomposto em muitos elementos que procedem de fontes diversas. E, sobretudo, é ainda independente da procriação, a cujo serviço se porá mais tarde. Ele se presta para a obtenção de diferentes sensações de prazer, que, com base em analogias e conexões, reunimos sob a denominação de prazer sexual. A principal fonte do prazer sexual infantil é a excitação apropriada de certos locais do corpo especialmente suscetíveis de estímulo, que são, além dos genitais, os orifícios da boca, ânus, e uretra, mas também a pele e outras superfícies sensoriais. Como nessa primeira fase da vida sexual infantil a satisfação é encontrada no próprio corpo, prescinde-se de um objeto exterior, nós a denominamos de fase do “autoerotismo” [...]. Aqueles locais importantes para a obtenção do prazer sexual nós chamamos de “zonas erógenas”. O ato de chupar o dedo ou de mamar, dos bebês, é um bom exemplo desta satisfação autoerótica a partir de uma zona erógena (FREUD, 1910/2013, p. 269-270).

Além de apresentar estes elementos da conquista do prazer infantil, Freud fala também de outro tipo de satisfação prazerosa das crianças, são as excitações masturbatórias dos próprios órgãos genitais, como ele afirma em relação a uma das zonas erógenas: “Nas crianças maiores, não é rara a estimulação propriamente masturbatória da zona do ânus com o auxílio do dedo, provocada por uma coceira determinada centralmente ou mantida periféricamente” (FREUD, 1905/2016, p. 93).

Para Freud, os atos masturbatórios são uma categoria de fenômenos que a pessoa conserva durante um longo tempo de sua vida e que outras pessoas nunca conseguem livrar-se

deles. Também para nosso autor, ainda na infância, muito cedo, aparecem nas crianças dados preparatórios que, embora já sendo libido, contribuirão para sua plena formação, o que pressupõe como objeto, naturalmente outra pessoa. Ainda quanto a esse elemento, o da masturbação, ele conclui dizendo que:

Resultará em benefícios da clareza afirmar que devemos distinguir três fases na masturbação infantil. A primeira delas pertence ao período da amamentação; a segunda, ao breve florescimento da atividade sexual, por volta dos quatro anos; apenas a terceira corresponderá à masturbação da puberdade, frequentemente a única levada em conta (FREUD, 2016, p. 95).

Quanto à pulsão sexual, nosso autor sugere que ela aparece em grupos de dois, um oposto ao outro, um ativo e um passivo. São eles: o sadismo e o masoquismo e o prazer visual ativo ou passivo. Do primeiro nasce mais tarde o desejo pelo conhecimento e do segundo nasce a inclinação artística.

O autor assevera também que ainda na mais tenra infância há outra série de atividades sexuais que já incidem na escolha do objeto, sendo o elemento principal uma pessoa estranha, muito embora a diferença de sexos nesta fase não tenha um papel decisivo, até mesmo porque é possível atribuir à própria criança uma predisposição homossexual involuntária. E apenas ao final da infância, já pelos inícios da adolescência:

Essa dispersa vida sexual da criança, abundante, mas dissociada, em que um instinto busca o prazer independentemente dos outros, é então concentrada e organizada em duas direções principais, de modo que no fim da puberdade o caráter sexual definitivo da pessoa geralmente já se encontra formado. De um lado os diversos instintos ficam subordinados ao predomínio da zona genital, pelo que toda a vida sexual se põe a serviço da procriação e a satisfação deles mantém a importância apenas para preparar e favorecer o ato sexual propriamente dito. De outro lado, a escolha de objeto relega para trás o autoerotismo, de maneira que na vida amorosa os componentes todos do instinto sexual passam a procurar satisfação na pessoa amada (FREUD, 1910/2013, p. 271).

Freud continua sua exposição mostrando que nem todos os desejos sexuais da infância são admitidos por ocasião do estabelecimento da vida sexual. Há muitos deles que são reprimidos, tanto pela cultura quanto pela educação e os mais atingidos pelo recalçamento são os prazeres infantis referentes aos excrementos e também os da fixação às pessoas da mais primitiva escolha sexual que geralmente são os pais ou quem faz a vez deles. Todavia, a libido infantil, por ocasião da escolha definitiva, será deslocada da pessoa dos pais a pessoas estranhas, mas isto só vem a acontecer já na fase da adolescência quando a função sexual está já centrada na zona genital.

Antevendo a reação dos ouvintes, Freud procura mostrar as dimensões que a sexualidade tem para a Psicanálise afirmando que:

Agora os senhores talvez façam a objeção de que isso não é sexualidade. Emprego a palavra num sentido bem mais amplo do que aquele a que estão acostumados. Isto lhes concedo de bom grado. Mas cabe perguntar se os senhores não empregariam o termo em sentido muito restrito, a limitá-lo ao âmbito da procriação. Assim fazendo, sacrificam o entendimento das perversões, o nexos entre perversão, neurose e vida normal, e ficam incapacitados para perceber, em sua verdadeira significação, os primórdios – facilmente observáveis – da vida amorosa física e psíquica das crianças. O que quer que decidam sobre o uso dessa palavra, tenham presente que os psicanalistas tomam a sexualidade naquele sentido pleno a que somos levados pela consideração da sexualidade infantil (FREUD, 1910/2013, p. 273-274).

Para seguirmos a um possível fim desse segundo capítulo, vamos ver como o autor coloca a questão das fontes da sexualidade infantil a partir de um dos itens finais dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), mas especificamente, no segundo ensaio. Ele diz:

No empenho de rastrear as origens do instinto sexual, vimos, até o momento, que a excitação sexual surge a) imitando uma satisfação experimentada com outros processos orgânicos, b) pela adequada estimulação periférica de zonas erógenas, c) como expressão de alguns “instintos” cuja procedência ainda não nos é inteiramente compreensível, como o instinto de olhar e o instinto de crueldade (FREUD, 1905/2016, p. 111-112)

Quanto ao item “a” essa imitação diz respeito especialmente, entre outras coisas de menor monta, ao sugar que se inicia pelo seio ou seu substituto e depois se torna outro objeto, até mesmo partes do próprio corpo da criança. Também ao lado desses três itens já referidos, Freud acrescenta ainda as excitações mecânicas, as atividades musculares, os processos afetivos e o trabalho intelectual.

Bem, podemos tentar resumir tudo isso que vem sendo exposto com as seguintes considerações: na base da teoria da sexualidade de Freud estão os conceitos de libido e de pulsão. A busca pelo prazer corporal é chamada por ele de libido que em latim significa desejo.

Essa busca está presente desde o nascimento e entre a libido infantil e a do adulto não há ruptura nem diferenciação, existem as mudanças do objeto, mas a libido permanece a mesma. Contudo, a sexualidade infantil que se encontra indiferenciada e desorganizada, encontra-se incompleta e diferente da sexualidade adulta.

Quanto a essas considerações, podemos apontar três pontos essenciais na sexualidade das crianças:

- a) As regiões corporais, digamos fontes do prazer, estão difusas e não centradas nas genitálias;
- b) A sexualidade infantil não comporta ou se objetiva estritamente na relação sexual genital, mas em relações que irão implicar, no futuro, em um papel no que podemos chamar “preliminares” do ato sexual como carícias, afagos, abraços, beijos, olhares, etc. que também são dirigidos às crianças e
- c) A sexualidade infantil é, sobretudo, autoerótica, isto é, espalhada pelo próprio corpo da criança e nele mesmo encontra satisfação, sem se encontrar necessariamente dirigida a um objeto externo.

A libido e as pulsões a ela ligadas percorrem o corpo da criança e, ao passar do tempo, vão privilegiando certas partes que serão chamadas por Freud de “zonas erógenas”, locais em que a criança obtém maior prazer. Vemos então que a sexualidade infantil passa por fases e que essas estão ligadas às zonas erógenas específicas como a boca, o ânus, os próprios órgãos genitais e depois irá se dirigir ao pênis que obterá o significado de “falo”, não sendo mais tão somente o órgão masculino.

É por demais conveniente que entendamos bem: a sexualidade infantil é, por natureza, pré-genital, ou seja, vai ser satisfeita na busca pelo prazer ou pela gratificação nas relações com os adultos por meio da alimentação, da higiene pessoal, quando posto no colo e acariciado, abraçado, olhado, envolvido. Percebamos que entre essas maneiras de obtenção de prazer e o jeito adulto do exercício da sexualidade não há correspondência quanto ao modo, apenas quanto à obtenção: satisfação da libido.

Vimos, um pouco acima, que as primeiras pessoas a quem se dirige o amor do infante são os pais, Freud cuida de deixar isso muito claro. Essa forma de amor aos pais, acompanhada de certos sentimentos de hostilidade, também será tratada por Freud. Para isso, ele irá fazer um nexos entre um mito da tragédia grega do dramaturgo Sófocles (496 a. C – 406 a. C), *Édipo rei*, e o modelo familiar patriarcal vigente em sua época. Vamos, pois, a partir de agora, no terceiro capítulo, apresentar como se dá o movimento do Édipo nas crianças.

4. O FUNCIONAMENTO DO COMPLEXO DE ÉDIPO EM AMBOS OS SEXOS

Formalmente, Freud dá o *status* ou o nome de “complexo” a esta teorização em sua obra *Cinco conferências sobre Psicanálise* (1910/2016). Dizemos “formalmente” porque é bem conhecido que este termo já era usado desde 1897, como bem confirma Moreira:

Já em 1897 [...], Freud lança a idéia (sic) do Édipo numa carta a Fliess, mas só tardiamente, após a formulação da Pulsão de Morte e a partir de sua articulação com o conceito de castração, a idéia (sic) ganhará uma dimensão de conceito fundador (MOREIRA, 2004, p. 219).

Nosso Autor começa a se utilizar da tragédia grega da obra prima de Sófocles (496 a. C – 406 a. C) *Édipo rei*, para explicar a universalidade da ambivalência que a criança sente em relação a seus pais, bem como o desenvolvimento do componente de sua sexualidade.

Nas *Cinco conferências sobre a Psicanálise* (1910/2013), Freud afirma:

O mito do rei Édipo, que mata seu pai e toma por esposa a mãe, constitui uma revelação ainda pouco modificada desse desejo infantil, que depois é rechaçado pela barreira do incesto. A peça *Hamlet*, de Shakespeare, tem raízes no mesmo terreno do complexo do incesto, que ali é mais encoberto (FREUD, 1910/2013, p. 207).

Quanto a esse respeito, em consonância com o que já estamos trabalhando até aqui, Costa nos traz informações importantes para nossa contextualização de toda a questão:

O primeiro esboço de referência de Freud ao complexo de Édipo encontra-se na “Carta 64”, de 31 de maio de 1897, quando ele relata um sonho com Mathilde, sua filha mais velha. O sonho mostra o desejo de Freud de encontrar um pai que seja o causador da neurose: “Recentemente, sonhei ter sentimentos excessivamente afetuosos por Mathilde, só que ela se chamava Hella. O sonho, é claro, mostra a realização de meu desejo de encontrar um pai srcinador da neurose.” Posteriormente, no “Rascunho N”, que acompanha a referida carta, Freud afirma que os impulsos hostis contra os pais também constituem um elemento integrante das neuroses. É comum encontrar nos filhos o desejo de morte em relação ao pai e, nas filhas, esse mesmo desejo frente à mãe. Essa é a primeira indicação implícita do complexo de Édipo na obra de Freud, que emergirá por completo na “Carta 71”, de 15 de outubro de 1897, mais ou menos cinco meses depois da “Carta 64”(COSTA, 2010, p. 13).

Mas somente em 1924 é que Freud dedicará algumas páginas exclusivas a essa ideia quando escreve: *A Dissolução do complexo de Édipo* (1924/2011).

Esse complexo faz referência a um “sistema”, vamos nomear assim, baseado em um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança, na sua constituição subjetiva, vai sentindo em relação a seus pais. Grosso modo, pode ser definido como o desejo inconsciente de manter um relacionamento sexual incestuoso com o genitor do gênero oposto e de eliminar o genitor do mesmo gênero, seria o que Freud chama de parricídio, o desejo pelo pai ou pela mãe levaria ao assassinato do pai ou da mãe, embora Freud tenha falado mais propriamente em “crime do parricídio” em sua obra de 1912-1913, *Totem e Tabu*.

Ademais, sabemos ser de conhecimento geral que o complexo de Édipo é um dos conceitos fundamentais de toda a tradição e teoria psicanalítica e é por meio dele, associado a outro conceito igualmente fundamental, o de Castração, que o sujeito vai ser determinado em seu funcionamento psíquico e formar sua personalidade ao se posicionar no interior das estruturas psíquicas, ou ao assumir, a partir do Édipo uma das estruturas (neurose, psicose e perversão).

Na abordagem clínica, para um diagnóstico mais preciso e uma análise mais eficaz, a importância do complexo de Édipo reside na sua causalidade, onde, de acordo com seu curso e sua resolução, certa estrutura de personalidade se desenvolverá e, com ela, sintomas nas distintas modalidades estruturais. Ou seja, o Édipo é o ponto nevrálgico na formação da subjetividade pessoal e deve ser o ponto a partir do qual todo um tratamento clínico pode ou deve ser orientado.

Mas nós podemos nos perguntar: como funciona tal complexo? Como se dá sua resolução? Como ele funciona no menino e na menina? Terá ele um funcionamento distinto ou será a mesma coisa ou agirá da mesma forma para ambos os gêneros? São deveras perguntas pertinentes e das quais não podemos fugir quando tratamos o tema em questão e que precisam de uma elucidação mínima para uma compreensão razoável da temática.

Nesse primeiro momento, vamos acompanhar de perto o pensamento de Costa 2010 em seu livro *Édipo* que trata precisamente dessa questão. Depois, vamos tentar dar um fechamento com intuito de resumir a ideia central da configuração do Édipo em ambos os sexos.

4.1. O complexo de Édipo e sua relação com o complexo de Castração

Vamos considerar que o primeiro momento da vida de um bebê seja tido como uma espécie de “paraíso”. Imaginemos que no primeiro momento que a criança deseja o seio materno ela é levada até ele pela mãe ou por outra pessoa e logo se inscreve no psiquismo da criança um sentimento mítico de extremo gozo, satisfação ou deleite.

Nesse momento, além da satisfação orgânica do apetite ou da fome, a criança também se sente segura, acolhida e amada pela mãe que lhe dispensa todo cuidado e atenção. Temos aqui uma dupla satisfação: satisfação da fome que é uma necessidade que todo ser vivo tem e que está ligada à pulsão de autopreservação e à satisfação de uma necessidade de amor, segurança e cuidado que produz uma marca na psique mesma do indivíduo para toda

sua vida e que jamais será esquecida e justamente por isso será buscada outras vezes e não mais encontrada da mesma forma.

Até certa idade na vida da criança é como se ela estivesse fusionada com a mãe nessa sua experiência de um colo totalmente seguro, vivendo numa espécie de dualidade indissolúvel. Mas quando chega o momento em que ela começa a criar um repertório linguístico, as coisas começarão a mudar de figura. No momento em que ela percebe no discurso da mãe a presença de um terceiro elemento que pode ser o pai no sentido físico ou simbólico, o bebê se dá conta de que uma ameaça paira sobre sua relação paradisíaca com a mãe. Algo estranho está acontecendo e aos poucos a criança passa a perceber que ela não é exatamente o centro das atenções e que o amor da mãe não está direcionado exclusivamente a ela.

A fala da mãe que nomeia o mundo, e esse terceiro elemento que oferece risco, vai introjetando na criança um medo real da ruptura e da perda desse amor absoluto. Aos poucos ela vai adquirindo o domínio do signo linguístico e vai mergulhando ou sendo mergulhada no mundo da linguagem que a introduzirá numa relação diversa daquela que até agora vinha tendo: ela e a mãe não são as duas únicas pessoas do e no mundo, há mais alguém e esse amor que ela lhe via unicamente direcionado, pode estar dividido. Quanto ao menino, Freud diz que:

A Situação do Complexo de Édipo é a primeira etapa que reconhecemos com segurança no menino. Ela é facilmente compreensível para nós, pois a criança se atém ao mesmo objeto que, no precedente período de amamentação, já tinha investido com sua libido ainda não genital. Também o fato de perceber o pai como rival importuno, do qual gostaria de se livrar e assumir o lugar, é claramente deduzido das circunstâncias objetivas (FREUD, 1923/2011, p. 286).

Depois dessa primeira frustração edipiana, vem outro elemento igualmente importante. É o momento em que se dá a descoberta da genitália masculina e surge a percepção da diferença anatômica entre as crianças: meninos e meninas. Para eles há apenas o pênis, o que marca uma diferença extrema: alguns têm outros não e isso é tudo o que conseguem dar conta. Não há, logicamente, o entendimento de que o canal vaginal das meninas é seu órgão genital, uma espécie de pênis interiorizado.

Nos meninos, quando percebem a ausência de pênis nas meninas, sentem-se ameaçados e temem a mutilação. Nas meninas, ao perceberem o pênis nos meninos, desperta a inveja. Aqui se inicia nas meninas, o complexo de Édipo que se configura como desejo de possuir o pênis na possibilidade de uma relação amorosa com o pai. Segundo Freud, a situação da menina é a seguinte:

O complexo de Édipo da garota pequena traz em si um problema a mais que o do garoto. Inicialmente a mãe foi para ambos o primeiro objeto, não nos surpreendemos se o garoto o mantém no complexo de Édipo. Mas como chega a menina a abandoná-lo e tomar o pai como objeto? [...] Todo psicanalista já encontrou mulheres que se atêm com particular intensidade e persistência à ligação com o pai e ao desejo de ter um filho dele, coroamento de tal ligação (FREUD, 1923/2011, p. 288-289).

A dissolução do complexo de Édipo pelo menino ocorre com o advento do complexo de Castração que o angustia diante da ameaça da mutilação, onde o pai será o algoz porque ambos disputam o amor da mesma mulher. A desvantagem física do menino em relação ao pai o inibe fazendo-o se retrair em torno do próprio *falo*. Assim, identifica-se com o pai (seu rival) trocando o amor da mãe pela conservação do *falo* e sua excitabilidade que, nesse momento (fase fálica), passa a ser seu objeto de maior de satisfação dos desejos.

O complexo de Castração ainda se manifesta quando, segundo Freud (1925/2011), a repressão à masturbação na primeira infância, resultado da descoberta anatômica do pênis, também contribui para o desenvolvimento desse fenômeno psíquico, como também a repressão à enurese noturna. A angústia da castração o obriga a esconder o pênis caracterizando assim a fase de latência até a puberdade que é o resultado da coação moral responsável pela construção do *supereu*. Esse ato de esconder o pênis é a pré-entrada na construção do *supereu*. O inibidor das pulsões.

Na menina, o complexo de Castração a afasta da mãe, como no menino, objeto primeiro de satisfação dos desejos. Nesse momento, passa a ser tratada como algoz de sua castração. Em sua fase fálica, percebe-se na desvantagem anatômica em relação ao menino.

Isso se deve porque o canal vaginal é desconhecido por ambos os sexos. A castração, assim como no menino, terá o papel de inseri-la na regulação social da estrutura de gênero que separa meninos e meninas. Essas estruturas de gênero que, até o início da fase fálica, eram desconhecidas por ambos. Assim, a menina, volta-se para o pai iniciando sua entrada no complexo de Édipo, que, nesse momento, terá o papel de construir sua feminilidade. Sua esperança, junto ao pai é ter um pênis, encarnado num filho resultado de um possível incesto. Ao constatar a impossibilidade, abandona o complexo de Édipo, entrando na fase de latência, propiciada pela construção do *supereu*.

Sintetizando, para que alcance a feminilidade, a menina necessita realizar três passos dos quais o menino não precisa: 1. a escolha do objeto amoroso original do menino coincide com a escolha definitiva, ou seja, com a escolha heterossexual, enquanto que, no caso da menina, é necessário que ela abandone a mãe para passar para o pai; 2. é necessário que a excitabilidade do clitóris passe para a excitabilidade da vagina;

e 3. ela tem que abandonar os fins sexuais ativos, ou seja, transformar as pulsões ativas básicas em fins sexuais passivos (COSTA, 2010, p. 23).

O abandono da mãe pela menina coincide com o abandono de sua condição masculina (abandono do clitóris). Esse abandono da atividade masculina ocorre em favor da aceitação da condição de passividade para se tornar objeto de desejo do pai. Aceitação de sua feminilidade. Pré-construção do *supereu*.

Nos seres humanos, Freud denominou de pulsão as forças sexuais presentes no *id* que numa tensão dialética com o *supereu* constrói o *eu*.

Além disso, o *supereu* é a totalidade das construções culturais, fator presente apenas entre humanos, resultado da estrutura dialética cujos extremos são natureza e humanidade. Freud, em sua obra *O mal-estar da civilização* (1930/2011), mostra que em troca da civilização, da vida em sociedade, a humanidade pagou um preço alto pela repressão das pulsões. Esse preço são os traumas.

Desse modo, o complexo de Édipo se configura como as pulsões que atuam no *id*, o complexo de Castração, o prelúdio da construção do *supereu*. Da tensão entre eles, é que se constrói o *eu*, ou seja, a *psiqué* do indivíduo menino ou menina. O resultado ou solução dessa tensão - complexo de Édipo e complexo de Castração - será um dos fatores responsáveis pela formação da orientação sexual do indivíduo e pela construção de sua identidade de gênero. Essas duas estruturas poderão coincidir ou não.

Entretanto, a construção do *supereu*, resultado do conflito entre o complexo de Édipo e o complexo de Castração, ocorre de forma distinta no menino e na menina.

No menino, o complexo de Castração surge em oposição ao complexo de Édipo, quer dizer, posteriormente. Assim, o desejo sexual pela mãe que o insere, primitivamente, na masculinidade o estimula à relação narcísica com o *falo* como compensação pela ausência do corpo da mãe em favor do seu opositor, o pai. A resolução do complexo de Castração, mediante a repressão que constituirá o *supereu* do menino, será determinante para a construção de sua orientação sexual.

A constituição do *supereu* tem um duplo papel. Um atua na repressão do complexo de Édipo como um moralizante sexual que imprime no menino a regra do incesto como impossibilidade de copular com a mãe em virtude da presença repressiva do pai. Dessa relação ainda, surge a afirmação de sua identidade de gênero como menino. Lembrando que, gênero por se tratar de uma construção cultural, é uma determinação, logo a sociedade impõe esse comportamento, cabendo ao menino apenas aceitar em favor do convívio social.

O outro papel do *supereu* atua no complexo de Castração como moralizante social responsável pelo desenvolvimento da moralidade que o insere no convívio social por meio de sua entrada na latência. O resultado da tensão entre o *supereu* e os dois complexos - nos respectivos períodos - terá ainda como papel o desenvolvimento da orientação sexual do menino.

Em ambos os casos, o resultado dessa tensão resultará na negação (homossexualidade) ou afirmação (heterossexualidade) de sua masculinidade. Lembrando que tanto a negação quanto a afirmação ocorrem no nível psíquico não se configurando, portanto, como escolha, como deliberação, mas como descoberta de identidade psicosssexual.

Na menina, o complexo de Édipo é posterior ao complexo de Castração, como afirma Freud, trata-se de uma formação secundária (posterior) porque as operações do complexo de Castração o precedem e preparam. Assim, o complexo de Castração estimula sua feminilidade fazendo-a buscar no pai, a satisfação; o pênis que a mãe lhe negou. Para a menina, a mãe é a algoz de sua castração. Daí, adentra no complexo de Édipo. O conflito entre os dois complexos leva a menina a consolidação, mediante construção do *supereu*, a adentrar na feminilidade no plano sexual, porém, assim como no menino, sua identidade de gênero é, também uma imposição cultural, daí passa a se enxergar como menina. O papel do *supereu* como repressor da relação incestuosa com o pai é responsável, na menina, pela latência em favor da moralidade. Processo semelhante ao do menino.

Em resumo: na menina o complexo de Édipo se forma posteriormente ao Complexo de Castração. Ou seja, inverso ao processo de menino. Psicicamente, o menino forma sua *psiqué* sexual mais cedo que a menina, ou seja, ainda na fase fálica; ela, posteriormente a essa fase. Isso talvez explique porque, sexualmente, as meninas amadurecem, psicosssexualmente, mais cedo que os meninos. Isso talvez seja porque as meninas por adentrarem mais tarde no complexo de Édipo estão, conscientemente, mais lúcidas em relação ao fenômeno.

Tendo já avançado um pouco na compreensão de alguns conceitos importantes da Psicanálise: sedução, cena traumática, fantasia, sexualidade infantil, o complexo de Édipo e o de Castração, acreditamos seja possível nos dar ao direito de um pouco de devaneio em outro tipo de escrita menos criteriosa, mas não menos importante. Traremos no próximo capítulo uma mescla de algumas reflexões pessoais, da leitura do mito de Édipo e de transmissão de conhecimentos em aulas da Psicologia.

Freud se serviu da mitologia grega para elaborar alguns de seus conceitos importantes. Pretendemos agora, a partir de tudo o que já foi visto, dar uma espiada na obra

Édipo rei com o intuito de comparar o percurso que Édipo faz em busca da verdade de sua vida com um paciente que deita em um divã com a pretensão de clarificar também sua história de vida pessoal e trazer à luz, ou à consciência, os traumas de sua infância e os porquês de tantas questões e de tantos modos de ser que se apresentam em sua existência. Prossigamos.

5. O ÉDIPO E A ANÁLISE – Um ensaio pessoal

A base desse momento em nosso trabalho será mesmo a Peça Teatral *Édipo Rei*, o famoso Mito de Édipo, que será conjugada com as experiências que tivemos durante um ano e meio em estágio clínico supervisionado na Universidade, realizado nos meus últimos três semestres do Curso de Psicologia da UFC – Sobral.

Como já sabemos todos, o Mito de Édipo, do qual Freud se apropriou em sua teoria, é um drama grego do grande dramaturgo Sófocles nascido na cidade-estado de Atenas que viveu no século V a. C e que experimentou o maior apogeu da cultura grega da Antiguidade. Suas peças são um grande legado grego para todas as culturas posteriores e, ainda hoje, são memoráveis.

Busquemos agora entender o Mito de Édipo como a estória de um filho que carrega consigo o peso de um grande segredo que é, na verdade, uma grande maldição: a maldição de matar o pai e de possuir a mãe como esposa, que, a bem da verdade, fora lançada sobre seu pai, Lábdacos.

Conhecemos através da história humana que toda vida que vem ao mundo é uma vida proveniente de outra vida. Ou seja, nós podemos fazer muitas escolhas ao longo de nossa existência, mas não podemos deixar de ser filhos de alguém que nos precede. Podemos não ter irmãos (essa decisão não é nossa, mas podemos não ter), podemos decidir não ter parceiros, podemos decidir não ter amigos, podemos decidir também não sermos pais, mas não temos como decidir não ter pais. Chegamos ao mundo através deles e deles dependemos por um longo período de tempo das nossas vidas. Portanto uma condição essencial da vida é a de sermos filhos, biológicos ou não.

Digamos, portanto, que nossa vinda ao mundo e nossa existência inicial aqui sempre dependem da vida de outros que decidem por nós em todos os sentidos. Todos nós somos filhos e isso é um condicionamento fundamental da nossa existência: somos naturalmente precedidos por nossos pais, estamos vivos graças à vida e à presença de outros.

Podemos afirmar que aqui jaz uma espécie de paradoxo: cada filho é uma vida à parte, separada e que também carrega seu segredo, sua saga única, mas sempre vem da

geração que a precede, que carrega dessa geração também uma herança. Aqui está o paradoxo: cada filho é uma vida separada e secreta, mas que sempre vem da geração anterior e que na grande maioria das vezes traz o desejo de realização dessa geração, significando que nós somos nós mesmos e, ao mesmo tempo, somos os outros também, somos aquilo que os outros desejaram, sonharam e quiseram para nós.

Assim nos tornamos verdadeiros portadores dos traços e da história da geração que nos precede. E é bom ver que Freud, quando fala das fantasias fundamentais ou originais, não faz referência a uma fantasia em que nós nos imaginamos filhos de outros pais, nenhum de nós autoplasma essa fantasia para negar a origem ou a paternidade que temos. Isso equivale a dizer que cada filho, cada um de nós, carrega os traços da geração anterior que nos são transmitidos pelo discurso.

E por assim dizer a primeira cristalização do desejo do outro que nos habita é justamente o nosso nome. Que nome carregamos? Será o nome do grande amor da vida de nosso pai que não é nossa mãe? Será o nome do nosso avô que morreu pouco tempo antes que nós nascêssemos, seremos herdeiros de um morto que nos precedeu na história e que nunca o conhecemos e já carregamos o seu nome? Ou seja, seremos nós senhores do nosso destino ou seremos nós aqueles que cumprem o voto de bênção ou maldição dos que nos precedem?

E o que faz esse efeito em nós é justamente o discurso do outro sobre nós: somos constituídos, somos feitos, somos criados pela linguagem do outro, aquilo que o outro diz sobre mim e para mim me faz me tornar o que sou e vou me fazendo ao longo dos anos, e o primeiro modo de ser de cada um de nós é o primeiro discurso que fazem sobre nós. Aquilo que nossos genitores fazem, contam, desejam, inventam, imaginam faz que nos tornemos nós mesmos no alvorecer de nossa vida, na nossa mais primitiva infância quando começamos a ser submergidos no universo ou no oceano da fala, da linguagem.

A fala do outro é o que nos fabrica, somos feitos pela palavra do outro: uma palavra que deprecia, uma palavra que maltrata, uma palavra que nos engana, uma palavra que encoraja, uma palavra que elogia, uma palavra que felicita, uma palavra que abençoa ou uma palavra que amaldiçoa. Esses somos nós, os filhos. Portamos em nosso ser a palavra do outro e assim nunca seremos ninguém sem os outros.

Isso é tão certo que quando, numa sessão psicanalítica em condição de supervisão no estágio, pedíamos ao paciente que falasse livremente, ele iniciava sempre sua fala dizendo do outro: do pai, da mãe, dos filhos, dos irmãos, dos amigos, dos inimigos, do patrão, dos colegas de trabalho, dos professores, da faculdade... Querendo ou não, trazemos em nós,

carregamos conosco as marcas, os desejos e as expectativas dos outros que nos circundam e que nos constituem enquanto sujeitos de relações de aproximações ou de distanciamentos.

Com tudo isso, como no Mito de Édipo, como filhos, nós não temos conhecimento nem domínio sobre nossa proveniência e nem do destino que foi traçado ou que está traçado para nós. Qual será nossa sentença edípica? Qual será o nosso oráculo? Que encruzilhadas teremos que atravessar? Quais caminhos teremos que percorrer até encontrarmos nossa verdade? E essa verdade nos fará cegos ou nos fará ver de modo mais claro?

Sim, carregamos conosco uma sentença, uma mensagem que não podemos ler ou decifrar, como Édipo, não temos consciência de qual ela seja e possivelmente como ele, nós também não teremos condição de nos subtraírmos dessa sentença que carregamos. Quem ou o que somos e quem ou o que nos tornaremos ao final da nossa caminhada?

Bom, vamos considerar que um processo de análise seja semelhante ao processo que Édipo percorre para encontrar a sua verdade ou a luz sobre sua existência. Aquele que se encontra em análise é como o Édipo que busca sua verdade ou a verdade de sua própria vida, de sua própria origem, de sua própria história, de seu próprio destino.

Em relação ao mito de Édipo, temos uma gama de versões que variam muito quanto à história. Para fazer esse percurso, vamos nos utilizar do próprio texto da Tragédia de Sófocles e também da reflexão de Alexandre Simões, psicanalista, feita em vídeos no canal You Tube, que nos apresenta a história do mito de Édipo. Ele começa apresentando as antessalas do mito que Freud teoriza e que, na sequência, vamos resumir. Essas versões serão depois analisadas em alguns pormenores que nos deixam margem pra várias reflexões.

De acordo com SIMÕES (2016), o avô de Édipo, Lábdacos, rei de Tebas, foi dilacerado pelas sacerdotisas de Dionísio, deus do vinho, porque ele havia suprimido o culto a esse deus. Seu filho Laio foi criado pelo rei da Frígia, Pélope, que o acolheu em sua casa como filho. Tempos depois Pélope teve um filho, Crísipo, e quando este estava em idade de ser educado, o rei confiou a Laio a preceptoría de Crísipo. Laio apaixonou-se por Crísipo a ponto de raptá-lo. Quanto à paixão entre discípulo e mestre na Grécia, era coisa comum. Mas o rapto foi uma verdadeira afronta ao rei que lançou sobre Laio uma maldição: *se algum dia tivesse um filho, esse o mataria e desposaria a própria mãe e sua descendência seria maldita.*

Tempos depois Laio se torna rei de Tebas, sua terra. Com medo da tal maldição, consulta o Oráculo de Delfos que a confirma. O casal real, Laio e Jocasta, tem toda cautela em não engravidar, mas, um dia sob o efeito do vinho (Dionísio), Laio acaba por engravidar a

rainha. Ao nascer a criança, um menino, o rei enfia um ferro em seus pés e o entrega a um de seus pastores e manda que o abandone no Monte Citeron para ser devorado pelas feras.

Movido pela compaixão para com a criança, o pastor o entrega a outro pastor do reino vizinho, o de Corinto, que o leva e o entrega ao casal real, Políbio e Mérope, que não podia ter filho. O menino não recebe um nome próprio, por assim dizer, mas é designado pelo nome de Óidipos (Édipo) que significa *pés inchados*. O menino cresce forte e belo e na juventude, durante uma festa, é insultado por um convidado bêbado (Dionísio outra vez) que lhe diz não ser digno de herdar o trono porque era um forasteiro.

Óidipos inquire seus pais quanto à sua origem, mas não obtém nenhuma resposta. Decide então ir ao Oráculo de Delfos que também não lhe responde sobre sua proveniência, mas lhe vaticina que será o assassino de seu pai e o esposo de sua mãe. Diante do anúncio dessa desgraça, Óidipos decide não voltar mais para casa, em Corinto, para não correr o risco de cumprir essa profecia.

Em uma encruzilhada, encontra-se como uma pequena comitiva de um senhor em sua biga e alguns servos. Há uma discussão sobre quem deve passar primeiro e o senhor decide ter a precedência fazendo com que um de seus servos empurre Óidipos para fora do caminho. O senhor, por sua vez dá uma chicotada no rosto do retirante, por causa desse ato, há o assassinio do senhor e de seus servos, apenas um consegue fugir. Notemos que a contenda entre Óidipos e a caravana não é movida pelo diálogo, pela fala, mas resolvida de modo truculento: o senhor decide passar primeiro e lança o jovem para fora do caminho. O senhor morto era Laio, rei de Tebas e pai de Óidipos. Este se afasta para as montanhas.

Algum tempo depois, toma a decisão de seguir rumo a Tebas, reino vizinho. Sabia-se que na entrada de Tebas havia um monstro com corpo de leão e face de mulher. Era a temida Esfinge que devorava todos que pretendiam entrar na cidade porque não conseguiam decifrar certo enigma proposto em forma de canto, *o canto da Esfinge*.

Óidipos não teme ser morto por conta de sua situação. Se fosse morto evitaria o vaticínio de Delfos e se livraria do destino. Ao se deparar com a Esfinge, Óidipos é defrontado com o enigma: qual é o único animal que muda a quantidade de pernas ao logo da vida (tétrapos, dípos e trípos – quatro pés, dois pés, três pés), mas quanto mais pernas possui, menos força tem? Édipo reflete e, depois de um tempo, consegue decifrar. Descobre que esse animal é o homem e a Esfinge se suicida lançando-se precipício abaixo. Tebas está salva.

Creonte irmão da rainha, rei interino e que tivera seu filho devorado pela Esfinge, havia prometido que o homem que derrotasse a besta receberia a mão da rainha Jocasta em casamento e seria o rei de Tebas. Óidipos se torna soberano e desposa a rainha que ainda era

bela e com ela teve quatro filhos, entre eles a menina Antígona. Ódipos é tido como um rei bom e governava seu povo com sabedoria.

Passado o tempo, sobreveio ao reino a peste que ceifava inúmeras vidas. A população suplica ao rei que encontre uma solução, ele já tinha salvado a cidade uma vez, poderia novamente consegui-lo. Ódipos, obcecadamente, se articula com a coorte e envia mensageiros ao Oráculo, Creonte, príncipe irmão da rainha, é o chefe da expedição. A Pitonisa dá o vaticínio de que a cidade só seria libertada da peste se fosse banido o assassino do rei Laio: “tendo sido morto o rei Laio, o deus agora exige que seja punido o seu assassino, seja quem for” (SÓFOCLES, 2005, p. 11).

Ódipos, movido pela paixão, decide então promover uma verdadeira caçada ao assassino de seu predecessor. Não importando quem fosse, mesmo que fosse membro de sua coorte receberia apenas o castigo do exílio e nada mais. O Rei diz:

Quem quer que saiba que matou Laio, filho de Lábdaco, fica intimado a vir a minha presença para mo dizer; mesmo que receie alguma conseqüência (sic) da denúncia, o criminoso que fale, antecipando uma acusação de outrem, pois nenhuma outra pena sofrerá, senão a de ser exilado do país, sem que sua vida corra perigo. Se alguém sabe que o homicida não é tebano, mas estrangeiro, não deve ocultar essa revelação, pois terá uma recompensa e o meu reconhecimento (SÓFOCLES, 2005, p. 17-18).

Édipo vai muito além e diante da ineficácia de sua intimação, decide lançar maldições sobre o assassino do antigo rei nestes termos: “e, ao criminoso desconhecido eu quero que seja para sempre maldito! [...] Que seja rigorosamente punido, arrastando, na desgraça, uma vida miserável!...” (SÓFOCLES, 2005, p. 18).

Depois de mais alguns diálogos, chegam à conclusão de que é necessário buscar ajuda de um vidente que era famoso e conhecedor dos segredos dos deuses e dos homens e que nunca falhara antes nas suas adivinhações. É Tirésias, o cego vidente. O vidente é trazido até Édipo. Mas o diálogo entre os dois é muito pouco frutuoso porque Tirésias se nega e resiste várias vezes a dizer o que pede o Rei porque isso só lhe traria ainda mais desgraça. O Rei se irrita e iracundo supõe mesmo que o vidente tenha estado envolvido na morte de Laio ao dizer: “sabe, pois, que, em minha opinião, tu foste cúmplice no crime, talvez tenha sido o mandante, embora não o tenha cometido por tuas mãos” (SÓFOCLES, 2005, p. 25).

Diante de tão contundente afirmação, terrivelmente abalado por tal acusação, Édipo e Tirésias entram em uma longa discussão em que o resultado final é a revelação de quem, de fato, é o assassino de Laio. Essa revelação, contudo, só aumenta a cólera do Rei que supõe estar sendo traído em um complô armado pelo príncipe Creonte em parceria com o velho vidente. A revelação do vidente começa com estas palavras:

Será Verdade? Pois EU! EU é que te ordeno que obedeças ao decreto que tu mesmo baixaste, e que, a partir deste momento, não dirijas a palavra a nenhum destes homens, nem a mim, porque o *ímpio que está profanando a cidade ÉS TU!* (SÓFOCLES, 2005, p. 25).

Com isso, Édipo se revolta ainda mais e, movido pela ira, chega a insultar o vidente várias vezes, mas este permanece resoluto em sua revelação: “o que está dito, está! Eu conheço a verdade poderosa! [...] Tu mesmo! Tu, me forçaste a falar, bem a meu pesar! [...] Afirmando QUE ÉS TU o assassino que procuras! (SÓFOCLES, 2005, p. 26).

Depois destas afirmações, Édipo continua sem querer acreditar em Tirésias e ainda troca com ele algumas farpas entre elas, essas palavras nos interessam, Édipo diz: “tu vives nas trevas... Não poderia nunca ferir a mim, ou a quem quer que viva na luz” (SÓFOCLES, 2005, p. 26). O cego vidente acrescenta:

Afirmo-te, pois: o homem que procuras há tanto tempo, por meio de ameaçadoras proclamações, sobre a morte de Laio, ESTÁ AQUI! Passa por estrangeiro domiciliado, mas logo se verá que é tebanos de nascimento, e ele não se alegrará com essa descoberta. [...] ver-se-á, também, que ele é, ao mesmo tempo, irmão e pai de seus filhos, e filho de sua esposa da mulher que lhe deu a vida; e que profanou o leito de seu pai, a quem matara (SÓFOCLES, 2005, p. 33)

Depois Tirésias se retira guiado por um menino. E a tragédia continua sempre mais tomada pela raiva: Creonte é ameaçado e expulso do reino, a rainha intervém algumas vezes a fim de aplacar os ânimos e diz que o filho que teve com Laio teve o pés feridos e foi precipitado numa montanha e quem matara Laio teria sido um bando de ladrões em uma encruzilhada. O Rei começa a temer e a tremer, começa a suspeitar do crime que cometera na encruzilhada por que passara. Ele interroga Jocasta quanto a muitos detalhes e descobre que há ainda uma testemunha daquele momento que tinha escapado. O Rei pede que essa testemunha seja chamada.

Nesse entremeio, chega um mensageiro com a notícia de que Édipo deveria retornar a Corinto porque seu pai, Políbio, morrera e ele era o herdeiro do trono. A essas palavras, Jocasta busca convencer o esposo de que não matou Laio, mas Édipo tem medo do que virá a ser a relação com sua mãe viúva.

O mensageiro, que era o pastor que o havia recebido no monte Citeron, o alivia trazendo-lhe maior dúvida ainda, dizendo que ele não era filho biológico do casal real de Corinto. O pastor lhe diz que tinha sido recebido de um servo do antigo rei de Tebas com os pés feridos e levado ao reino vizinho. A estas palavras, Jocasta se comove profundamente e já antevê que tudo está sendo descoberto, tudo está vindo à luz.

Édipo se surpreende ainda mais com essa revelação e pergunta pelo antigo servo, se ainda vivia e pediu para que o trouxessem à sua presença e à do mensageiro. A Rainha retruca: “pelas divindades imortais! Se tens amor à tua vida, abandona essa preocupação. (*À parte*) Já é bastante o que eu sei para me torturar!” (SÓFOCLES, 2005, p. 76). O Rei supõe que Jocasta saiba que sua origem seja humilde e por isso tenta dissuadi-lo de descobrir sua proveniência, ela prefere que ele fique com o bem em que se encontra a encontrar com a verdade que lhe trará males.

Contudo, Édipo não desiste e manda que chamem o que tinha escapado da morte na encruzilhada e que também tinha sido o pastor que lhe dera no Citeron. Diante da tenacidade do Rei, Jocasta sai de cena em desespero. Quando o servo de Laio chega ao palácio, Édipo pergunta ao mensageiro se o conhece e esse responde afirmativamente. Contudo, o velho pastor de Tebas resiste em responder ao que o Rei lhe pergunta e, só depois de muitas ameaças, acaba por revelar a verdade em um breve diálogo entre o antigo servo de Laio e o Rei:

– Pois bem! Aquele menino nasceu no palácio de Laio! [...] Diziam que era filho dele próprio. Mas aquela que está no interior de tua casa, tua esposa, é quem melhor poderá dizer a verdade. – Foi ela que te entregou a criança? – Sim, rei. – E para quê? – Para que eu a deixasse morrer. – Uma mãe fez isso! Que desgraçada! – Assim fez temendo a realização de oráculos terríveis... – Que oráculos? – Aquele menino deveria matar seu pai, assim diziam... – E por que motivo resolveste entregá-lo a este velho? – De pena dele, senhor! Pensei que este homem o levasse para sua terra, para um país distante... Mas ele o salvou da morte para maior desgraça! Porque, se és tu quem ele diz, sabe que tu és o mais infeliz dos homens! – Oh! Ai de mim! Tudo está claro! Ó luz, que eu te veja pela derradeira vez! Todos sabem: tudo me era interdito: ser filho de quem sou, casar-me com quem me casei e eu matei aquele a quem eu não poderia matar! (SÓFOCLES, 2005, p. 84-86).

Tudo tendo vindo à luz, Édipo corre para o interior do palácio rumo aos aposentos reais. Jocasta havia se enforcado. Édipo lhe desce o corpo da corda, retira-lhe o manto e com os colchetes de ouro que seguravam o manto arranca seus próprios olhos e pede para ser banido de sua pátria, o príncipe Creonte lhe concede.

Ao que nos parece, deu para, em grandes linhas, entender o conjunto da tragédia do Édipo e acreditamos tenham ficado claros alguns pontos cruciais de toda a estória, desde o início ao seu desenlace final.

Agora vamos procurar despretensiosamente analisar alguns momentos que nos pareceram mais instigantes ou mesmo intrigantes na trama. Anteriormente, levantamos a hipótese de que o percurso feito por Édipo em busca da verdade de sua origem ou de sua vida pode assemelhar-se ao processo de um sujeito que se encontra em análise que busca também entender sua história ou, ao menos, lançar luzes sobre ela.

Como filho, podemos dizer que Édipo é completamente culpado, mas ao mesmo tempo totalmente inocente. Ora, vejamos: Édipo é culpado de dois grandes crimes contra a humanidade – parricídio e incesto, matou o próprio pai e se uniu sexualmente à sua mãe. Seus quatro filhos são, ao mesmo tempo, seus filhos e seus irmãos e sua mulher é sua própria mãe. Todavia, Édipo é igualmente inocente porque nenhum destes atos ele o pratica propositada e conscientemente porque não sabia que havia assassinado seu pai e que estava possuindo sua mãe. Isso significa que nós não sabemos quem realmente somos enquanto filhos e pessoas.

Édipo, na realidade, exaspera a condição humana, somos todos Édipos quando não temos plena consciência de quem realmente somos e nenhum de nós pode apoderar-se de sua própria origem e de seu próprio destino. A estória de Édipo começa com o voto de morte do pai, Laio. Não é o filho que quer a morte do pai, mas é o pai que deseja a morte do filho, Édipo é a estória de um infanticídio, de um abandono traumático e doloroso porque o Oráculo havia anunciado ao rei que esse filho o mataria e desposaria sua esposa.

Então Laio, amedrontado pela visão do futuro, decide matar seu próprio filho. Na estória há um voto de morte do pai pelo filho, mas não é sempre assim entre as gerações? Os jovens não serão mesmo os que sepultarão seus pais e assumirão o seu lugar como descendentes e nova geração?

Laio é o pai aterrorizado pela ideia da morte e reage à profecia de Apolo decretando a morte do filho para ser abandonado na montanha, mas não o faz diretamente. Ele pendura o filho pelos pés, toma-o pelos pés e o entrega ferido a um pastor que se enche de compaixão pela criança e decide salvá-lo, entregando-o a outro. Édipo é então um filho abandonado, traumatizado, amaldiçoado sob o qual paira um voto e um desejo de morte e ainda é um filho adotado e que não conhece sua história.

Podemos perguntar diante disso tudo quem de fato está infringindo a lei? Não é o filho, mas, na verdade, é o pai porque o pai, no sentido simbólico e real, é aquele que deve justamente cuidar da vida do filho, cuidar do filho até que ele se ponha em condição de viver por sua conta. Digamos que a lei do pai, presente na sociedade, decreta que o pai deve manter uma responsabilidade ilimitada no cuidado com o filho. Mas Laio reage ao medo da morte desejando a morte, procurando matar aquele a quem deve manter todo cuidado e de cuja vida deve cuidar incondicionalmente.

Quem, na estória, zela pela vida da criança, quem deseja sua vida? Seu pai e sua mãe? Não! Um estranho, um servo, um pastor que se mostra carregado de compaixão por aquela criança ferida, impotente e totalmente abandonada.

Quando Édipo fica jovem, por uma série de questões, põe em dúvida sua origem: quem sou eu? Quem são realmente meus pais? De onde venho? Para onde vou? O que quero realmente? Édipo quer a verdade, mesmo que esta lhe custe caro, a verdade para ele vale mais que o bem que já possui. Ele quer saber a todo custo a verdade sobre si mesmo. Essa é sua saga, saga que persegue obstinadamente.

Quando consulta o Oráculo, inverte a rota de seu caminho, procura subtrair-se da sentença que lhe foi decretada, procura fugir de seu destino, tenta desvencilhar-se do destino e quanto mais ele o faz, mais se aproxima dele. Enquanto foge do seu destino se encontra justamente com ele, quanto mais pensa que está se distanciando do seu futuro mais caminha para perto dele. Por exemplo, quando Édipo está fugindo pela estrada e acaba por matar seu próprio pai. Distanciar-se da sua verdade, faz justamente com que se encontre com ela.

Ou seja, aquelas marcas que nos habitam e que são o desejo do outro, da geração que nos precede e que estão inscritas em nós são como uma verdadeira saga que se encontra marcada para que nós a cumpramos e que podemos chamar de destino. Popularmente ou vulgarmente, o senso comum costuma dizer que ninguém foge de seu destino.

Édipo pensa ser o salvador do país, mas é aquele que traz a peste. Pensa que era o remédio, mas era a doença. Pensava que era o rei, mas era o assassino do rei. Pensava que era esposo de Jocasta, mas era seu filho. Pensava que era pai de seus filhos, mas era, ao mesmo tempo, irmão deles...

Tudo isso Édipo o faz de maneira apaixonada e obstinada. Ele quer a verdade a todo custo, não importa o quanto isso vai trazer sofrimento. Porém, Édipo comete mais um crime *ele se presume inocente* mesmo diante das palavras do Cego que vê. Coisa contraditória por demais, paradoxal. Porque enquanto o Cego vê, aquele que vê não consegue enxergar, é como se estivesse envolto em trevas. Sua paixão o cega?

Mas o que representa matar um pai, o que é o parricídio? Será como matar outro homem qualquer? Não, não é. Matar um pai não é apenas matar uma pessoa qualquer, não é como matar um homem apenas. E isso reside no ponto em que o pai é símbolo da lei, da tutela e da diferença entre as gerações. Matar o pai equivale a promover a instalação de um caos social, é semelhante à desestabilização da sociedade, é infringir a lei no sentido mais pleno e estabelecer a máxima desordem entre as pessoas e entre as gerações.

Da mesma forma, possuir sexualmente a própria mãe não é um ato sexual qualquer. Igualmente ao parricídio, é extrapolar uma barreira imposta pela cultura e que me diz tacitamente que eu não posso ser, a um só tempo, filho e esposo da mesma mulher. Isso também acarreta na instalação do caos social.

Esses dois crimes, parricídio e incesto, equivalem à desintegração do *corpus* social, é o mesmo que deitar por terra toda forma de lei que regula a vida dos indivíduos. Ora, se se fere ou se se derruba essas duas leis, as demais serão facilmente abolidas. Há algo nas culturas humanas que naturalmente estabelece esses dois princípios éticos e morais: não matar o pai e nem possuir a mãe (*Totem e Tabu*, 1912-1913).

Podemos ver, no relato do Mito, no papel de Tirésias a presença velada de um analista que procura tirar o sujeito em análise da desordem interna em que vive. Ele oferece a Édipo uma boa cota de desumanidade que, muitas vezes, está também na pessoa do analista quando leva seu paciente a se defrontar consigo mesmo, a se ver especularmente e descobrir suas próprias verdades e encontrar seu próprio caminho e a trilhar sua saga por mais que ela lhe custe caro.

Como, por exemplo, a paciente que lamenta ao cuidar diuturnamente da mãe e isso lhe faz sofrer e custa caro, todavia, ela sabe que essa é sua “missão” ela não pode se furtar a essa tarefa árdua e de seu compromisso para com a geração precedente, com aquela que a criou e que teve que, da mesma forma, cuidar dela por um longo período de sua infância.

Édipo é o que está no divã, que pensa ver tudo com clareza e que muitas vezes se presume inocente, presunção essa que acaba por se tornar uma culpa ainda maior. Tirésias, desgraçado cego, o analista, é o que vai levando o sujeito a encontrar sua verdade naquilo que vem dito em sua fala, nos meandros, nos atos falhos, nas assonâncias entre as palavras, nos seus sonhos noturnos e nos seus devaneios diurnos.

O paciente também é convocado, enquanto está em análise, a fazer a descoberto que o rei dos pés inchado, que caminhou desde cedo em busca de sua origem, de seu destino, de sua verdade e de sua luz, fez: descobriu que o que o tornava impuro era o desconhecido que o habitava: sua herança, seu oráculo, sua sentença, sua saga, seu destino e os traços e os desejos inscritos pelas gerações anteriores... Somos todos Édipos e precisamos, mesmo que a duras penas, encontrar também esse estrangeiro que nos habita, que está em nós.

CONCLUSÃO

Haveremos de admitir, com justiça e justeza, que esse nosso trabalho faz uma abordagem, embora clara, muito panorâmica dos temas tratados, inclusive porque são temas de uma vastidão longitudinal que atravessam ou perpassam, se não toda, quase toda a obra de Sigmund Freud que vai das duas últimas décadas do Séc. XIX até fins dos anos 30 do século seguinte, são mais de quarenta anos de muito trabalho, experiência clínica, e de teorização sobre esse mesma experiência. A literatura freudiana acerca dos temas é ampla e rica e a que se desenvolve *a posteriori*, que não ousamos tocar, é ainda maior.

Reconhecemos, outrossim, que nosso projeto foi por demais ousado, e até mesmo de um atrevimento exagerado, em pensar que seria simples trabalhar tão profundos conceitos em pouco tempo e em poucas páginas. Essa deve ter sido nossa maior dificuldade e a nossa maior falha.

Teoria do Trauma, Sedução, Fantasia, Sexualidade Infantil, complexo de Édipo, complexo de Castração permeiam toda experiência clínica (mesmo em estágio), sabemos sim, são conceitos importantíssimos, fundamentais e caros para a Psicanálise e, podemos dizer também, importantes para toda a Ciência psicológica que foi, na prática, transformada por Freud. Mesmo os antifreudianos, se honestos, haverão de admiti-lo.

Certamente não fomos tão rasos, mas fomos também razoáveis o suficiente. As perspectivas de estudo e aprofundamento estão em aberto e podem sim ser bastante ampliadas. Digamos que uma dissertação de mestrado ainda seria pequena para dar cabo de tantos e tão profundos conceitos do Velho e bom Freud e da Psicanálise. Não sabemos qual será nossa saga, só nosso percurso o dirá, confiemos no futuro, que seja muito melhor!

REFERÊNCIAS

- COMPLEXO DE ÉDIPO: Uma introdução - parte 1. Alexandre Simões. **You Tube**. 01 jun. 2016. 12min21s. Disponível em
<<https://www.youtube.com/watch?v=Vqw8FrUhK3o&index=2&t=38s&list=PL8LmbW79MVXg1xJRlhlBHlIr4AIsk0a0v>>. Acesso em: 22 dez. de 2018.
- _____ - parte 2. Alexandre Simões. **You Tube**. 12 jun. 2016. 14min10s. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=Jp0FRfdEbP0&index=2&list=PL8LmbW79MVXg1xJRlhlBHlIr4AIsk0a0v>>. Acesso em: 22 dez. de 2018.
- _____ - parte 3 – O ENCONTRO COM A ESFINGE. Alexandre Simões. **You Tube**. 12 jun. 2016. 10min59s. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=KOlpHsDQINo&list=PL8LmbW79MVXg1xJRlhlBHlIr4AIsk0a0v&index=3>>. Acesso em: 22 dez. de 2018.
- _____ - parte 4 – O DIZER DA ESFINGE. Alexandre Simões. **You Tube**. 12 jun. 2016. 11min32s. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=N0vLPw6qEj4&list=PL8LmbW79MVXg1xJRlhlBHlIr4AIsk0a0v&index=4>>. Acesso em: 22 dez. de 2018.
- _____ - parte 5 – O ÉDIPO E NÓS. Alexandre Simões. **You Tube**. 12 jun. 2016. 11min32s. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=1L2yPRLeYLI&list=PL8LmbW79MVXg1xJRlhlBHlIr4AIsk0a0v&index=5>>. Acesso em: 22 dez. de 2018.
- COSTA, Teresinha. *Édipo. Psicanálise Col. passo-a-passo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FREUD, S. **Obras Completas, volume 2**: estudos sobre a histeria (1893 – 1895). São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- _____. **Obras Completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentárias de uma histeria (1901 -1905). São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- _____. **Obras Completas, volume 8**: o delírio e os sonhos na *gradiva*, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906 – 1909). São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- _____. **Obras Completas, volume 9**: observações sobre um caso de neurose obsessiva [o homem dos ratos] uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909 – 1910). São Paulo: Cia das Letras, 2013.
- _____. **Obras Completas, volume 11**: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912 – 1914). São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- _____. **Obras Completas, volume 13**: conferências introdutórias à psicanálise (1916 – 1917). São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- _____. **Obras Completas, volume 16**: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1926 – 1925). São Paulo: Cia das Letras, 2011.

_____. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Vol. I.** (1886 -1899). Disponível em < <http://notaterapia.com.br/2016/05/06/as-obras-completas-de-sigmund-freud-para-download-gratuito/>>. Acesso em 16 dez. 2018.

MONZANI, Luiz Roberto. FREUD, O. **Movimento de um Pensamento.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1989.

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. Édipo em Freud: movimento de uma teoria. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a08>>. Acesso em 12 dez. 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SÓFOCLES, Rei Édipo. Tradução de J. B. de Mello Sousa. Versão para Ebook digitalizada em 2005. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/edipo.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

Outras obras consultadas:

CARVALHAES, D. B., FULGÊNCIO, L. **O conceito de sexualidade infantil em Freud:** aspectos empíricos e metapsicológicos. Disponível em: <<http://www.puc-campinas.edu.br/pesquisa/ic/pic2009/resumos/%7B6AE42E62-9FC9-4D4B-AD67-671605C9728F%7D.pdf>>. Acesso em 19 nov. de 2018.

CHINALLI, M. **A chegada da peste:** cem anos da viagem de Freud aos EUA (1909-2009). Disponível em <<https://www.ufmg.br/nej/maaravi/artigomyriam-exilio.html>>. Acesso em: 18 nov. de 2018.

FREUD, S. **Cinco lições de Psicanálise; Contribuições à psicologia do amor.** Rio de Janeiro: imago, 1997.